

REVISTA

APLAUSO

Guia de teatro

Jornal do Teatro

Em Cartaz

André Garolli

Camila Morgado

Cristina Pereira

Drica Moraes

Marília Pêra

Moacir Chaves

Reynaldo Gianecchini

Tuca Andrade

Hérson Capri e
Kiara Sasso em

A noviça rebelde

O musical
mais popular
de todos
os tempos
reabre o
Teatro Casa
Grande

ANO IX N° 93
EXEMPLAR GRATUITO

A mulher atômica

“ Eu procurava um texto simples para montar meu primeiro espetáculo como produtora. Simples como montagem, que exigisse pouca gente em cena e equipe reduzida. Foi quando me deparei com *A Ordem do Mundo*, de Patricia Melo, a história de uma mulher com uma missão impossível: a de classificar notícias de jornal numa tentativa absurda de ordenar o planeta.

E é neste cenário que refletimos sobre a sobrevivência em um mundo caótico. A necessidade de nos responsabilizar por nossas vidas, tomá-la nas mãos, ordená-la. Eu me senti intensamente provocada por essa mulher que, desde o início, sabemos que vai fracassar, mas precisa continuar tentando.

O personagem poderia ser um homem, mas Patrícia cria uma mulher, a figura feminina que vive em um turbilhão. Que mulher atômica é essa que nós inventamos? Quem é este ser capaz de montar uma lista de supermercado e discutir a guerra do Iraque? Que mulher é esta que entende do alfinete ao foguete, que fala sobre fraldas e reciclagem de lixo?

A peça trata da responsabilidade que temos em por ordem no que nos rodeia. E, como Helena, encaro a responsabilidade de minha primeira produção e de meu primeiro monólogo.

Várias crises atemorizam o teatro hoje. Custos altos, patrocínios escassos. Espero que isso seja passageiro. O teatro é sempre uma atividade de equipe. Tanto que, apesar de ser um monólogo, nunca me sinto só no palco. Quando entro em cena, estou acompanhada pela direção de Aderbal Freire-Filho, pela luz do Maneco Quinderé, o som do Marcelo Neves, a roupa do Marcelo Olinto e a bela produção de Claudia Marques e sua Fábrica de Eventos. E pelo apoio do próprio texto, que me dá retaguarda.

Vivas ao Teatro, aos monólogos, aos grandes elencos, às tragédias e comédias, às vanguardas e aos clássicos. Lá é o lugar onde tudo é possível. É o lugar do ator! ”

Drica Moraes, junho de 2008



Pesquisa em cena

Todos os fins de semana, de maio e abril, a Mostra Novíssimas Pesquisas Cênicas, organizada pelo Centro de Estudo Artístico Experimental, leva oito peças inéditas ao Sesc Tijuca, sempre às 19h. Ao fim da mostra, um único trabalho será escolhido por voto popular para fazer temporada em julho no teatro. Depois de cada sessão, o público é convidado a acompanhar os debates. Informações pelo telefone 3238-2129.

Solidariedade

A produção da comédia *Como Passar em Concurso Público*, que já foi assistida por mais de 80 mil pessoas em Brasília e no Rio de Janeiro, concede desconto a todo espectador que levar uma lata de leite ao Teatro Clara Nunes. Em quatro meses de temporada carioca, foi arrecadada mais de uma tonelada de leite em pó, encaminhada ao Retiro dos Artistas.

Acervo vivo

Com o patrocínio da Petrobras, já começou a ser recuperado o acervo da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), que de 1917 até a década de 80 catalogou todas as peças encenadas no País. Fundada pela compositora Chiquinha Gonzaga e pelo escritor João do Rio, a entidade tem mais de 1.700 documentos em seu acervo. A digitalização vai terminar no início do segundo semestre e o material estará à disposição do público pela internet.

Em português

Um público estimado de 12 mil pessoas deve acompanhar as atividades do primeiro Festival de Teatro da Língua Portuguesa (Festlip). Celebrando a riqueza e a diversidade cultural dos países lusófonos, de 4 a 15 de junho, dez companhias teatrais de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Portugal e Brasil se apresentam no circuito SESC-Rio. Agende-se!

Thiago Rodrigues

A odisséia de cada um

“ Aos 13 anos, tive as primeiras aulas de teatro. Rapidamente percebi que estar em cena era fundamental para minha vida. Passei por diversas experiências até chegar, em 2006, já com 18 anos, ao Galpão Aplauso, onde descobri que meu trabalho não se limitava à atuação, mas a compreender todas as etapas da produção cênica. Participar de diferentes oficinas em todos os campos do teatro, não apenas na apresentação, contribuiu decisivamente para fortalecer minha decisão de me profissionalizar. Pretendo, um dia, ser diretor.

Atualmente, na Cia Aplauso, estamos em processo de desconstrução da exuberância artística, buscando sensações que se encontram no íntimo de cada um de nós. Sob a coordenação de Thierry Trémouroux, abrimos outros canais que fazem do ator o autor de sua própria criação.

Desta forma, um pouco da história de cada um surge no palco. Neste momento, estamos montando a *Nossa Odisséia*, estudando a história de cada um através das viagens de Ulisses, o herói grego. Um texto que pertence à Grécia Antiga, ou seja, ao alicerce de toda a cultura ocidental. Nesse



BABILEMOS / DIVULGAÇÃO

Ator da Cia Aplauso, Thiago Rodrigues pretende especializar-se em direção

texto encontramos, com todas as metáforas e simbolismos, o real que nos cerca, as experiências vividas.

Faço Thiago Ulisses, professor universitário que é um paralelo com Thiago Rodrigues, morador de Benfica, estudante de Pedagogia. Mas cada história tem uma beleza específica a ser descoberta. E isso se revela na maneira como chegamos aos ensaios hoje: os atores estão mais presentes em cena, demonstram um prazer maior em encenar, em se apropriar do espetáculo com paixão. Ao mesmo tempo, o mundo fora do teatro passa a ser visto sob a ótica da *Nossa Odisséia*. Quando a Cia Aplauso integra às técnicas de representação a reflexão filosófica sobre virtudes e valores, não está aprimorando apenas o trabalho do ator em cena, mas também o cidadão.”



Alzira Power

Desejo, solidão e antagonismo marcam a peça de Antônio Bivar

Por Olga de Mello

A solidão que só obtém companhia na violência é um tema recorrente na literatura ocidental. A comédia dramática *Alzira Power*, que conquistou o Molière de melhor texto em 1969, mostra o encontro de uma mulher de meia idade com um vizinho medíocre, suscitando reflexões sobre a solidão, falta de comunicação, violência e a ruptura de parâmetros. Quase quatro décadas mais tarde, o texto de Antônio Bivar chega à Casa da Gávea, com Cristina Pereira no papel principal.

Idéias e desejos

O diretor Gustavo Paso conheceu a peça quando estudava Artes Cênicas na Universidade do Rio de Janeiro (Uni-Rio), em 1992. “Os anos 60 e 70 foram muito ricos em termos de dramaturgia no Brasil. Surgiram diversas peças emblemáticas como esta, em que duas figuras de mentalidades opostas vivem um confronto de idéias e desejos. O que mais impressiona é que, passados 40 anos, as coisas não mudaram. Continuamos vivendo situações dramáticas, limitadoras

e de desrespeito a quem está a nosso lado, interessados apenas em satisfazer nossos interesses”, diz Paso.

Yolanda Cardoso foi Alzira nas primeiras montagens, tendo como companheiros de cena os então estreantes Antônio Fagundes, na temporada paulista, e Marcelo Picchi, quando a peça veio para o Rio de Janeiro. Apesar do sucesso – Yolanda também recebeu diversos prêmios por sua interpretação –, o espetáculo só voltou a ser encenado em montagens de estudantes de Teatro. “O momento político pode ter contribuído para o texto ter ficado fora de montagens comerciais, mas nem mesmo a linguagem empregada por Bivar ficou datada”, observa o diretor.

Seqüestro erótico

Para Cristina Pereira, *Alzira Power* é uma comédia perigosa, escrita em uma época em que as pessoas “tinham tanta coisa na cabeça que as idéias não cabiam no cérebro”, conforme diz. “A peça continua atual, contemporânea aos nossos dias. É a história de uma mulher aposentada dos Correios e Telégrafos que deixa a porta do seu apartamento aberta e aí entra um corretor de automóveis, vivido pelo Sidney Sampaio, querendo vender um fusca. Ela tranca a porta, joga a chave pela janela e daí acontece um seqüestro ‘erótico’, com situações loucas, muito engraçadas, mas também muito dramáticas entre esses personagens que são igualmente antagonistas.”

Gustavo Paso acha que a peça perdeu um pouco de sua conotação política, o que vem a reforçar a temática sobre a solidão. Alzira é uma mulher culta, aposentada, que vive com um cachorro que foge de casa. Chorando a perda do cão, ela deixa aberta a porta do apartamento, o que leva o jovem Ernesto a entrar, intrigado pelo som de choro. Vendedor, casado e com filhos, o rapaz se revela alguém sem sonhos, conformado com uma existência modesta, que é obrigado a reagir às provocações e humilhações que sofre de Alzira. “A peça foi revolucionária por falar em repressão, mas hoje ela toca direto na indiferença que dispensamos aos que são diferentes da maioria da sociedade”, arremata Gustavo Paso.



A noiva rebelde

O mais popular dos musicais reabre o Teatro Casa Grande

Por Olga de Mello

Um conto de fadas moderno, baseado em fatos reais, com toques de humor, reflexão sobre valores pessoais, política e boa música. Qual desses elementos – ou a junção de todos eles – fez de *A Noiva Rebelde* o mais popular musical de todos os tempos? Desde sua estréia nos palcos norte-americanos, com as composições de Richard Rodgers e Oscar Hammerstein II pontuando a saga da família Von Trapp, os aristocratas austríacos que deixaram seu país às vésperas da Segunda Guerra Mundial temendo a ascensão do nazismo, *A Noiva Rebelde* conquistou prêmios e público, arrebatando platéias com sua versão cinematográfica, em 1965. “A história não envelheceu, continua emocionando e encantando”, garante o diretor Charles Möeller, que, ao lado do diretor musical Cláudio Botelho, está à frente da versão que inaugura o novo Teatro Oi Casa Grande, no Leblon.

Política e romance

A referência da peça para os brasileiros está no filme de Robert Wise, estrelado por Julie Andrews como a jovem noiva contratada para cuidar de sete crianças órfãs de mãe, criadas por um severo oficial da marinha austríaca. “A peça é um pouco diferente. Tem mais política e menos romance. Mas mantém a figura do pai rígido que se rende ao charme da jovem governanta, com quem se casa. É uma história de Cinderella, mas com um sabor especial, por inspirar-se em fatos reais”, diz Möeller, orgulhoso por estrear uma superprodução no Rio de Janeiro. “Já fizemos diversos espetáculos grandiosos em São Paulo, como *Charity*, que não começaram a temporada aqui devido à falta de patrocínio e ao mito do baixo poder aquisitivo das platéias cariocas. Mas sempre que trouxemos os espetáculos para o Rio ficamos lotados. Está na hora de derrubar esse mito e dar ao Rio a grandiosidade que os cariocas merecem”.

FOTOS: ROBERTO SCHWENCK / DIVULGAÇÃO



31 personagens

Kiara Sasso, no papel da noviça Maria, e Héron Capri, como o Capitão Georg Von Trapp, encabeçam o elenco de 44 cantores/atores que se dividem em 31 personagens. Kiara e Capri estarão em todas as récitas, mas seus filhos se alternarão. “Criamos três grupos da família Von Trapp, pois são sete filhos, adolescentes e crianças. Não podíamos sobrecarregar os menores, que têm entre cinco e seis anos”, explica Charles Moeller. O núcleo adulto conta ainda com Fernando Eiras (Max Detweiler), Solange

Sucesso imediato

A história de Maria Von Trapp foi levada ao cinema alemão em 1956, tendo como base sua autobiografia. Três anos depois, foi montada a produção teatral norte-americana protagonizada pela atriz Mary Martin, já com as músicas de Rogers e Hammerstein. Sucesso imediato de crítica e público, recebendo oito prêmios Tony, o musical chegou ao cinema em 1965, com Julie Andrews como Maria. No mesmo ano, *Música, divina música* trazia pela primeira vez ao Brasil a versão completa norte-americana. Houve outra montagem brasileira, com Zezé Polessa fazendo Maria, na década de 90.

Badim ('Baronesa Elsa Schraeder'), Mirna Rubim e Vera do Canto e Mello ('Madre Superiora'), Ada Chaseliov ('Frau Schmidt'), Dudu Sandroni ('Franz').

Para acostumar o público às novas versões em português de músicas conhecidas como *Do-Ré-Mi*, *The Sound of Music* e *My Favorite Things*, o elenco já gravou o CD da peça. “Na Broadway, normalmente, a gravação ocorre no primeiro dia de folga após a estréia. Decidimos inovar e abrir até um mercado novo, pois sempre nos pedem a gravação das canções de nossos espetáculos, o que acabávamos fazendo ao vivo, perdendo parte da qualidade. A Sony nos propôs lançar o álbum com 14 canções. A resposta foi excelente”, conta Cláudio Botelho, diretor musical e responsável por todas as versões das músicas.

Mais de 100 profissionais, entre atores, produção, técnicos e estagiários participam da montagem de *A Noviça Rebelde*. A superprodução tem 22 números musicais apresentados pelos atores com apoio de uma orquestra de nove músicos. Os onze diferentes cenários criados por Rogério Falcão reproduzem locais de Viena, como as montanhas próximas à cidade, além de alguns aposentos da mansão dos Von Trapp.



A Volta do Casa Grande

Inaugurado em agosto de 1966, o Teatro Casa Grande se notabilizou por ter se transformado em um centro de resistência de artistas e intelectuais durante o regime militar, ao abrigar os Ciclos de Debates da Cultura Contemporânea a partir de 1975. Além de grandes shows, produções teatrais como *O mistério de Irmã Vap* e *Nardja Zulpério* ocuparam o palco do Casa Grande, assim como *O burguês ridículo*, último espetáculo em cartaz antes do grande incêndio que destruiu o local em 1997. O teatro funcionou precariamente em um galpão, apresentando peças como *A máquina*, *O que diz Molero* e *Woyzeck*, em 2003, quando fechou definitivamente.

Agora rebatizado de Oi Casa Grande, o teatro reabre suas portas com capacidade para 950 espectadores. A sala de espetáculos contará com um palco de 20 metros de altura e 13 metros de boca de cena, além de fosso para orquestra, telões de LED, doze camarins e três foyers.

Doce deleite

Comédia com Reynaldo Gianecchini e Camila Morgado faz homenagem ao ator e a todos que trabalham em teatro

Por Olga de Mello



Em 1981, Marco Nanini e Marília Pêra pediram ao escritor Alcione Araújo que escrevesse alguns quadros para uma comédia leve, que tratasse de diferentes assuntos. Nascia *Doce Deleite*, que permaneceu quatro anos em cartaz rodando boa parte do País. Passados 27 anos, Marília e Alcione voltam a fazer o espetáculo – muito parecido e também bastante diferente da versão original. Desta vez, Alcione é autor de todos os textos dos esquetes (na outra montagem, havia quadros de outros dramaturgos), enquanto Marília dirige Reynaldo

Gianecchini e Camila Morgado, à frente da peça no Teatro dos Quatro.

Alcione confessa sua surpresa com a longevidade do texto, que quase três décadas depois ainda provoca gargalhadas no público: “Comédias tendem a envelhecer, mas o humor desta peça permanece atual. Estou vendo as platéias reagirem muito bem”, diz o escritor, que criou situações a serem representadas conforme diferentes gêneros teatrais, do teatro do absurdo à ópera, passando pelo teatro de revista. O universo do teatro, com seus personagens próprios, como o contra-regra, a bilheteira e o empresário, estão representados por Camila e Gianecchini, que permanecem 90 minutos em cena, trocando de roupa, maquiando-se e escolhendo diferentes adereços, como perucas e barbas falsas, em frente ao público.

Fazer rir

“Houve diversos *Deleites*, incluindo um bem parecido com o atual”, conta Marília Pêra, que já cortou alguns trechos da nova montagem. “Sempre mexo nos textos de meus espetáculos, vou adequando de acordo com a resposta do público. Teatro é dinâmico. A peça atual é diferente da que eu fiz em 81, mas guarda a essência daquela, tem a mesma delicadeza. Voltar ao *Deleite*, desta vez na direção, é muito bom”, diz ela, que já conhecia o trabalho de Gianecchini em teatro, mas só havia visto Camila em cinema e televisão. A diretora não poupa elogios aos dois atores: “Camila é perseverante, disciplinada, estudiosa. Ela me lembra muito a Fernanda Montenegro, por sua segurança e intensidade em cena. Já o Giane se arrisca, é um atleta, que provoca frisson em qualquer platéia”.

Camila Morgado já havia feito uma comédia de João Falcão no teatro e “um papel não tão sério” em peça de Gerald Thomas. “No

entanto, a maioria do público me conhece por personagens dramáticos, a heroína romântica da *Casa de Sete Mulheres*, a sofrida Olga Benário Prestes, uma vilã em novela. Esta peça me dá a oportunidade de viver diferentes personagens em um pequeno intervalo de tempo. Eu estava há seis anos longe do palco e queria voltar a fazer rir.” Difícil, nos primeiros ensaios, foi estar sob o comando de Marília Pêra. “Eu imaginava como iria me desnudar na frente de uma das maiores atrizes que existe. Ao mesmo tempo em que me sentia gratificada por poder contar com Marília, estava apavorada. Em pouco tempo, isso se modificou. Marília se preocupa com o ator e tem um tremendo domínio de qualquer processo dentro do teatro”, diz Camila.

Reynaldo Gianecchini, que além de atuar, estréia como co-produtor do espetáculo, também destaca a facilidade em “fazer rir” devido à direção de Marília Pêra: “É fantástico ser dirigido por ela. Por ser uma grande atriz e conhecer profundamente o projeto, Marília passa uma grande segurança”, elogia. Com 12 números, *Doce Deleite* exigiu uma preparação especial dos atores, que dançam balé e cantam ópera em cena.

Sem Mauro Rasi

A primeira montagem do espetáculo tinha textos de Mauro Rasi que não entraram na atual versão porque estavam muito datados, explica Alcione Araújo. “Havia um quadro engraçadíssimo, com uma menina protestando contra a construção da auto-estrada Lagoa-Barra, num outro momento havia Emerson Fittipaldi como referência de piloto de Fórmula 1. A peça atual está quase completamente atemporal. Sempre haverá uma ou outra observação sobre o momento atual, porém a intenção é deixá-la com situações cômicas que não precisem se prender ao circunstancial, que perde a força dramática assim que o momento muda.”



A invenção de Morel

Aventura fantástica discute tecnologia, crime e universos paralelos

Em plena Segunda Guerra Mundial, o argentino Adolfo Bioy Casares publicou sua obra-prima, *A Invenção de Morel*, uma novela intrigante que discutia angústia, crime, fuga, solidão, amor e domínio tecnológico, enredando o leitor em um turbilhão de emoções contraditórias. Estabelecer com o espectador uma relação semelhante a que o escritor firma com o leitor foi um dos eixos da montagem que chega ao Teatro 3 do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), sob direção de Moacir Chaves.

Narrado em primeira pessoa por um fugitivo da Justiça, *A Invenção de Morel* conta como esse criminoso consegue se esconder em uma ilha deserta, onde acaba encontrando máquinas estranhas e um grupo de turistas que não toma conhecimento de sua presença. O narrador acaba se apaixonando por Faustine, descobrindo que, anos antes, a ilha recebeu um grupo de visitantes liderado por Morel, inventor de uma máquina que armazena e reproduz imagens, sons e sensações captados na realidade, projetando numerosas vezes as cenas filmadas. Escapar da realidade pela tecnologia ou enfrentá-la é o dilema que o protagonista passará a vivenciar. Considerado um dos melhores romances do século XX, o livro tornou-se famoso depois que inspirou *Ano Passado em Marienbad*, filme do francês Alain Resnais, um dos principais expoentes do movimento *nouvelle vague*.

Ser ou não ser

“O cinema tem um caráter ilustrativo, mas o filme hoje não está no imaginário do público. E o livro também é pouco conhecido por aqui. De certa forma, esses fatores, que

seriam ruins por denotarem nossa carência de cultura, são positivos no momento em que pretendemos fazer do espectador um cúmplice na jornada do protagonista, exatamente como no livro”, diz Chaves. “A narrativa é importantíssima, mas não estaremos contando a história do personagem. Vamos mergulhar na investigação dessa superposição dos planos de existência/não-existência que a obra nos proporciona”.

Questões do teatro também são trabalhadas na peça. “O tempo todo estão sendo discutidas as relações entre dois universos, duas matérias, o que é um aspecto estrutural do trabalho em teatro. O ponto de partida da encenação é a possível comunicação do sentido, das idéias dessa vida, desse amor, dessa espécie. E aquele universo só não é fantástico porque existe uma explicação”, afirma.

Mestre do surrealismo

Há especialistas em literatura que arriscam dizer que Adolfo Bioy Casares (1914-1999) só não foi o principal autor argentino do século 20 porque preferiu ser amigo de Jorge Luis Borges. A cumplicidade entre os dois escritores era tamanha que escreveram uma série de livros em parceria. Mestre na descrição e na mistura de situações surrealistas ou fantásticas com sentimentos que poderiam ser vivenciados por qualquer pessoa, em qualquer lugar ou época, Casares, nascido em Buenos Aires, teve seu trabalho reconhecido publicamente aos 76 anos, quando recebeu o Prêmio Cervantes, a maior honraria concedida a literatos de língua espanhola.



Depois do começo do mundo

A vida e os desencontros de um grupo de amigos que se conheceu quando jovens e volta a manter contato muitos anos depois

Por Olga de Mello

Aos 34 anos de carreira, Hamilton Vaz Pereira pela primeira vez mergulha no passado de sua geração em *Depois do Começo do Mundo*, em cartaz no Laura Alvim. Ao emergir, o olhar não é nostálgico ou saudosista: “O passado não precisa ser idealizado. Ele pode ser apenas recordado e servir de base para o nosso futuro”. A trajetória de quatro amigos que se conhecem no berçário, dividem aventuras e nem na velhice desistem de fazer planos é, mais que um elogio à amizade, uma reflexão sobre as pessoas “que não tem qualquer importância histórica, mas que fazem falta a tantas outras vidas simples”, explica o autor.

Pequenas histórias

Na peça, Hamilton interpreta Khlestov e divide o palco com Maria Ribeiro (Adalgisa), Lena Brito (Zulmira) e Gilberto Gavronski (Ubirajara), que consolidam sua amizade durante uma viagem no chamado Trem da Morte (que liga Corumbá, no Mato Grosso, a Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia), utilizado por nove entre dez mochileiros na década de 70. Durante a ditadura, o grupo vive próximo, no Rio de Janeiro, partindo para outras cidades de acordo com os caminhos pessoais e profissionais escolhidos, até se reencontrarem já no ano de 2046.

“Não vejo o passado com saudosismo. A encrenca da vida ocidental foi pequena para impedir que se criem coisas cada vez mais incríveis. A verdade é que o mundo não vai melhorar, mas também não vai piorar tanto assim. A história acontece em ciclos de dor e prazer, com conquistas graduais, que podemos encarar saudavelmente. Espero que o público deixe o teatro comparando nossas pequenas histórias urbanas, que não têm tanto significado assim para a Humanidade, mas >>



que são referenciais para quem cresceu ao nosso lado. Ao mesmo tempo, espero que o espetáculo obedeça ao princípio grego, que inventou o teatro para o homem se fortalecer e apreciar a vida”, diz o diretor.

Mito x realidade

Esta é a 31ª peça dirigida por Hamilton, que discorda da crise de idéias no teatro brasileiro. “Quando percebi que esta poderia ser minha profissão, há cerca de 30 anos, o desânimo era total em termos de criação teatral. A geração anterior havia sido tão talentosa que comecei em terra arrasada. Volta e meia se fala em crise de criatividade, da falta de tradição de freqüentar o teatro. Mas tirando essas reclamações, o que se vê é o público aparecendo em busca de novas montagens. Agora que já sou um velho dramaturgo brasileiro, posso afirmar que as crises são como o passado dourado de que tanto se fala, ou seja, mais mitos do que realidade”.

Se na peça o grupo de amigos está sempre se encontrando, para a montagem de *Depois do Começo do Mundo*, Hamilton

Vaz Pereira reuniu colaboradores com que já havia trabalhado em outras ocasiões. Jorginho de Carvalho iluminou seu primeiro espetáculo, um infantil. Jorge Alberto Santos, responsável pelo cenário, foi um dos fundadores do Asdrúbal Trouxe o Trombone. Mario Manga (*Premeditando o Breque*) faz parceria na trilha sonora em vários espetáculos do diretor. E o artista plástico Luiz Stein é o responsável pela programação gráfica.

Portfolio

A cada dois anos, Hamilton Vaz Pereira costuma apresentar um novo espetáculo. Autor, ator, diretor, compositor e produtor, foi também o criador do grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone, que renovou a linguagem teatral na década de 70. Além de dirigir e atuar, é o autor de *Trate-Me Leão*, *Aquela Coisa Toda* e *A Farra da Terra*, três das mais bem sucedidas montagens do Asdrúbal. Filosofia e literatura são referências constantes em seus trabalhos, que também privilegiam a tecnologia, sempre aproveitada como elemento cênico.

NÃO PERCA

O espectador assistiu, gostou e indica



FOTOS: DIVULGAÇÃO

O jardim das cerejeiras

“Moacir Chaves deu um tom diferente nesta montagem, ao incluir em cena a leitura das rubricas de Tchecov, um autor que não perde a atualidade porque fala da alma humana. Assim, o público compartilha com o elenco todas as determinações do dramaturgo, tudo o que ele queria passar nesta obra-prima. No elenco, afinadíssimo, Deborah Evelyn tem a delicadeza e a inteligência de uma atriz absolutamente tchecoviana – segura e sensível”.

Renata Sorrah, atriz

Mamãe não pode saber

“Conheço o talento do grupo Os Surtados e tinha certeza de que eles fariam sucesso em qualquer espetáculo, até porque são cuidadosos na escolha de textos. A peça é uma comédia imperdível, divertida e inteligente”.

Sheron Menezes, atriz



A mulher que escreveu a Bíblia

“Inês Vianna, uma atriz de recursos surpreendentes, conta neste monólogo uma história divertida e densa. O texto, adaptado da novela de Moacyr Scliar, ficou belíssimo”.

Dudu Sandroni, autor, diretor e ator

Otelo

“Uma montagem exemplar, que nos leva a refletir sobre egoísmo, vaidade, ciúme, fraqueza. É impressionante a interpretação de Diogo Vilella como Iago”.

Luíza Thiré, atriz



ALZIRA POWER OU O CÃO SIAMÊS

A incomunicabilidade, a solidão, o sexo e a violência eclodem no cotidiano de dois vizinhos no texto de Antônio Bivar, vencedor do Prêmio Molière de 1969. Direção: Gustavo Paso. Com Cristina Pereira e Sidney Sampaio. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont 116, Gávea). Fone: 2239-3511. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 19h. R\$ 30.

BEATLES NUM CÉU DE DIAMANTE

Charles Möeller e Cláudio Botelho fazem uma releitura das músicas dos Beatles, contando a trajetória de uma jovem da adolescência à vida adulta. Texto: Charles Möeller e Cristiano Gualda. Direção: Charles Möeller. Direção musical: Cláudio Botelho. Com Gottscha, Marya Bravo. **Teatro Leblon – Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta, 18h. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 50 (Qui. e sex.) e R\$ 60 (sáb. e dom.).

AS CENTENÁRIAS

Duas carpideiras, que passam a vida em velórios e enterros no interior do Nordeste, encontram com celebridades locais e entram em confronto com a Morte. Texto: Newton Moreno. Direção: Aderbal Freire-Filho. Com Marieta Severo, Andréa Beltrão e Sávio Moll. **Teatro Poeira** (Rua São João Batista, 104, Botafogo). Fone: 2537-8053. Quinta, sexta e sábado,

21h. Domingo, 20h. R\$ 60 (quinta, sexta e domingo). R\$ 70 (sábado).

COMO PASSAR EM CONCURSO PÚBLICO

O grupo Cia de Comédia G7 satiriza a obsessão dos brasileiros pela estabilidade no emprego público, em texto de criação coletiva. **Teatro dos Quatro** (Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. Quinta e sábado, 19h30. Domingo, 19h. R\$ 30.

CONTOS DE TCHEKHOV

A atriz Joana Ferry apresenta quatro contos de Anton Tchekhov – *Brincadeira, A Noiva, A Aposta e O Violino de Rotschild* –, todos com situações que levam ao questionamento existencial. Adaptação: Joana Ferry. Direção: Evandro Meirelles. **Teatro 2 e da Cia. de Teatro Contemporâneo** (Rua Conde de Irajá, 253, Botafogo). Fone: 2537-5204. Sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 20.

CRUZ CREDO

Monólogo com Gilberto Gawronski como Jesus Cristo, que volta à Terra na pele de um motorista de táxi. Texto: Déa Martins com colaboração de Fernando Ceylão. Direção: Gilberto Gawronski. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Terça e quarta, 21h. R\$ 30.

DE MIM QUE TANTO FALAM

As atrizes Cristina Mayrink e Daniela Olivert personificam as várias facetas

de uma mulher. Texto: Martha Medeiros. Direção: Paula Sandroni. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Quinta e sexta, 18h30. R\$ 30.

DEPOIS DO COMEÇO DO MUNDO

A trajetória de um grupo de amigos que se conhece no berçário e se reencontram até a velhice. Texto e direção: Hamilton Vaz Pereira. Com Lena Brito, Maria Ribeiro, Gilberto Gawronski e Hamilton Vaz Pereira. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2299-5583. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 19h. R\$ 20 (Qui. e sex.). R\$ 30 (Sáb. e dom.).

DOCE DELEITE

O universo do teatro mostrado através de seus próprios personagens e estilos. Texto: Alcione Araújo. Direção: Marília Pêra. Com Reynaldo Gianecchini e Camila Morgado. **Teatro dos Quatro** (Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. Quinta e sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$ 70 (Qui. e sex.). R\$ 80 (Sáb. e dom.).

DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS

Adaptação do romance de Jorge Amado, em que a viúva Flor volta a se casar, mas continua recebendo visitas do falecido marido Vadinho. Direção: Pedro Vasconcellos. Com Carol Castro, Marcelo Faria, Duda Ribeiro. **Teatro das Artes** (Marquês de São Vi-

cente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 60 (qui., sex. e dom.) e R\$ 70 (sáb.).

OS ESPECIALISTAS

Quatro fuzileiros navais norte-americanos recebem a missão de assassinar um líder do Oriente Médio. Texto: Adriano Shaplin. Direção: Bárbara Bruno. Com Augusto Zacchi, Gustavo Rodrigues, Vinícius Vommaro e Tacianna Barros. **Centro Cultural Justiça Federal** (Avenida Rio Branco, 241 – Centro). Fone: 3212-2550. De quinta a domingo, 19h. R\$ 20.

UM HOMEM CÉLEBRE

O musical baseado em conto de Machado de Assis conta a história de um compositor popular que sofre por não conseguir tornar-se um criador de peças clássicas. Direção: Pedro Paulo Rangel. Com Suely Franco, Júlia Rabello, Laura Castro. **Centro Cultural Banco do Brasil – Teatro 1** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h30. R\$ 10.

A INVENÇÃO DE MOREL

A solidão e o amor vividos por um fugitivo da justiça que se esconde em uma ilha deserta. Texto: Adolfo Bioy Casares. Direção e adaptação: Moacir Chaves. Com Ana Velloso, Vera Novello, Josie Antello, Cândido Damm, Ísio Guelman e Cláudio Gabriel. **Centro**

Cultural Banco do Brasil – Teatro 2 (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h30. R\$ 10.

I LOVE NEIDE!

Monólogo com Eduardo Martini interpretando uma especialista em auto-ajuda e sua trajetória em um programa de televisão. Texto de Pablo Diego e Marcelo Saback. Direção: Eduardo Martini. **Teatro dos Grandes Atores** (Avenida das Américas, 3555, loja 116/117, Barra da Tijuca) Fone: 3325-1645. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 50 (sex. e dom.). R\$ 60 (sáb.).

O JARDIM DAS CEREJEIRAS

O clássico de Anton Tchecov mostra a decadência de uma família de aristocratas russos no fim do século 19. Direção: Moacir Chaves. Com Deborah Evelyn, André Stock, Cláudia Sardinha. **Teatro Maria Clara Machado** (Rua Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. Terça a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30.

LIMPE TODO SANGUE ANTES QUE MANCHE O CARPETE

Quatro jovens em busca de suas ilusões e capazes de tudo para realizar seus sonhos. Texto: Jô Bilac. Direção: Vinícius Arneiros. Com Bruno Ferrari, Pablo Falcão, Graziela Schmitt e Tathiane Amaral. **Centro Cultural Solar de Botafogo** (Rua General Polidoro, 180, Botafogo). Fone: 2543-5411.

Sexta e sábado, 21h30; Domingo, 20h30. R\$ 30.

MAMÃE NÃO PODE SABER

Uma família que vive de aparências entra em pânico com a iminente visita da mãe, que mora em outra cidade e pensa que o genro é o prefeito do Rio de Janeiro. Texto e direção: João Falcão. Com Flávia Guedes, Rodrigo Fagundes, Thaís Lopes e Wendell Bendelack. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R\$ 30 (qui. e sex.). R\$ 40 (sáb. e dom.).

MEMÓRIA AFETIVA DE UM AMOR ESQUECIDO

Inspirado no argumento do filme *Brilho Eterno de Uma Mente sem Lembraças*, o grupo Os Dezequilibrados faz espetáculo itinerante pelo casarão do Oi Futuro, discutindo a superficialidade das relações no mundo contemporâneo. Direção: Ivan Sugahara. Com Ângela Câmara, Cristina Flores, José Karini e Saulo Rodrigues. **Oi Futuro** (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo). Fone: 3131-3060. De sexta a domingo, 21h. R\$ 15.

A MULHER QUE ESCREVEU A BÍBLIA

Thereza Falcão adaptou o romance de Moacyr Scliar sobre uma mulher que, no século 10 antes de Cristo, foi uma das 700 esposas do Rei Salomão. Direção: Guilherme Piva. Com Inês Viana. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping

da Gávea). Fone: 2264-9895. Terça e quarta, 19h30. Quinta, 17h. R\$ 40.

NO NATAL A GENTE VEM TE BUSCAR

Mulher pensa que vai morar com uma prima, mas a família decide interná-la em um asilo. Texto e direção: Naum Alves de Souza. Com Cláudia Jimenez, Rodrigo Phavanello, Analu Prestes e Ernani Moraes. **Teatro do Leblon – Sala Marília Pêra**. (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$ 70 (qui., sex. e dom.) e R\$ 80 (sáb.).

A NOVIÇA REBELDE

Baseada em fatos reais, a história de amor entre uma jovem noviça e seu patrão, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, tornou-se um dos mais populares musicais da história e estréia no Rio em superprodução assinada por Cláudio Botelho e Charles Möeller. Com Hérson Capri, Kiara Sasso, Vera Canto e Mello, Fernando Eiras, Dudu Sandroni e outros. **Oi Casa Grande** (Av. Afrânio de Mello Franco, 290, Leblon). Fone: 2511-0800. Quarta, quinta e sexta, 20h30. Sábado, 16h e 20h. Domingo, 16h. R\$ 60 a R\$ 120 (Qua.). R\$ 90 a R\$ 150 (Qui. e sex.). R\$ 120 a R\$ 180 (Sáb. e dom.).

ONDE VOCÊ ESTAVA QUANDO EU ACORDEI?

Cristina Flores e Márcia do Valle vivem duas mulheres que decidem mudar de vida, cansadas da hipocrisia em que estão enredadas. Texto e dire-

ção: Sidnei Cruz. **Casa Mercado 45** (Rua do Mercado, 45, Centro) Fone: 8137-8140. Sábado, domingo e segunda, 19h. R\$ 20.

A ORDEM DO MUNDO

No monólogo criado por Patrícia Melo, Drica Moraes discorre sobre questões cotidianas da vida contemporânea sob o ponto de vista feminino. Direção: Aderbal Freire Filho. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea, Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a sábado, 19h30. Domingo, 19h. R\$ 55 (Qui. e sex.). R\$ 60 (Sáb. e dom.).

OTELO

O sucesso de um estrangeiro em Veneza atrai a inveja e provoca uma tragédia motivada por vaidade e ciúme. Direção: Marcus Alvisi e Diogo Vilela. Com Luciano Quirino, Diogo Vilela, Reinaldo Gonzaga. **Sesc Ginástico** (Avenida Graça Aranha, 1287, Centro). Fone: 2279-4027. Quinta a domingo, 19h. R\$ 25.

O PROCESSO

A crítica ao estado burocrático do clássico de Franz Kafka traz Tuca Andrada no papel de Josef K., um homem que não sabe por quê está sendo processado. Adaptação e direção: José Henrique. Com Tuca Andrada, Antonio Alves, Gustavo Ottoni, Leticia Guimarães e outros. **Teatro Maison de France** (Av. Antônio Carlos, 58, Centro). Quin-



ta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 40 (Qui. e sex.). R\$ 50 (Sáb. e dom.).

PÃO COM MORTADELA

A infância e juventude do escritor Charles Bukowski em adaptação de João Fonseca e Sacha Bali. Direção Charles Bukowski. Com Gustavo Nunes, Jorge Lucas, Freitas, Rosanna Viegas e Sacha Bali. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116 sobrado – Gávea). Fone: 2239-3511. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30.

OS PRODUTORES

O musical de Mel Brooks e Thomas Meehan mostra como dois vigaristas planejam enriquecer investindo numa peça que tem tudo para fracassar. Direção: Miguel Falabella. Com Vladimir Brichta, Juliana Paes, Miguel Falabella. **Vivo Rio** (Rua Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo). Fone: 2272-2900. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 19h. R\$ 30 a R\$ 150.

RÁDIO NACIONAL

As Ondas que Conquistaram o Brasil. Musical de Fátima Valença mostra a importância da Rádio Nacional para a cultura brasileira. Direção: Fábio Pillar. Com Adriana Quadros, André Dias, Cláudia Vigonne. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30 (qui.) e R\$ 40 (sex. a dom.).

ÜBER

Em quatro histórias curtas, Luis Salém e Alcemar Vieira mostram situações limites que revelam o lado oculto de um suburbano aspirante a playboy, de um cozinheiro que é astrólogo e de um baiano que se muda para a Finlândia. Texto: Luis Salém. Direção: Stella Miranda. **Teatro Candido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 21h. R\$ 40.

VALENTE!

O encontro imaginário entre Assis Valente, Madame Satã e Carmem Miranda, nos momentos que antecedem o suicídio do compositor. Texto de Anamaria Nunes. Direção Cláudio Villela. **Teatro Gláucio Gil** (Praça Cardeal Arcoverde, s/n). Fone: 2547 7003. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30.

ZONA DE GUERRA

Inspirado nas “peças do mar” de Eugene O’Neill. Drama. A suspeita de que um marinheiro seja um espião divide a tripulação de um cargueiro durante a Primeira Guerra Mundial. Direção e adaptação: André Garolli. Com Roberto Leite, Guilherme Lopes, Bruno Feldman, entre outros **Caixa Cultural – Teatro de Arena** (Av. Almirante Barroso, 25, Centro). Fone: 2544 4080. Quinta a domingo, 19h30. R\$ 10.

Delícias sem fim

O Zazá Bistrô, em Ipanema, é uma ótima opção para um papo depois do teatro. O lugar é acolhedor, com decoração especial e atendimento bastante bom. Peça de entrada umas tapiquinhas com queijo coalho e camarão, acompanhadas de molho de damasco e gengibre, ou uma espetada de queijo de coalho com mel de engenho perfumado com limão... É tudo! Outras sugestões são os crostinis de brie com caramelo de nozes, e os de queijo feta com tomate e manjericão. Enquanto escolhe o prato principal, saboreie uma das caipirinhas diferentes da casa – pedi a de abacaxi com gengibre e hortelã e não me arrependi. Como prato principal, uma pedida tropical: curry de frango ao leite de côco com legumes orientais, capim limão, gengibre e banana, acompanhado de arroz basmati com damasco e amêndoas. E a sobremesa também segue a mesma tendência: cubos de manga marinados com gengibre, hortelã e limão com farofa crocante de amêndoas e calda de frutas vermelhas. O nome é ótimo: delícia magrinha...

**Rua Joana Angélica, 40,
Ipanema. Fone: 2247-9101**

Gostinho de Brasil

Estive em São Paulo para assistir à “diva” Bibi Ferreira e Juca de Oliveira em *As Favas com os Escrúpulos*. Lindo ver uma dama do nosso teatro em cena, brilhando... Depois do teatro, o jantar no restaurante **Brasil a Gosto** também foi de arrancar aplausos. A casa dá um show de brasilidade com charme, elegância e sabor. O couvert tem biscoito de polvilho, chips de mandioca, batata baroa e batata doce – com a tradicional manteiga Aviação e outra feita de alho com castanha. Os pães são de enlouquecer: de leite, de queijo com sal grosso, de abóbora, broa de milho... E mais petiscos: beiju com carne de siri morna e molho vinagrete, pastel de queijo palmira, canapé de banana com geleia de pimenta e queijo coalho com melaço. Tudo em pequenas porções muito bem apresentadas. O prato principal foi abadejo com crosta de castanha sobre um purê de banana da terra e vinagrete de laranja lima. Supimpa! A sobremesa, um luxo: cocada ao forno com sorvete de limão. Uma refeição no Brasil a Gosto nos enche de um orgulho danado de sermos brasileiros.

**Rua Professor Azevedo do Amaral,
70, São Paulo. Fone: 11 3086-3565**

O PROCESSO

Situações absurdas e irônicas de Kafka mostram a vulnerabilidade do homem

Por Olga de Mello

Em janeiro de 2007, o diretor José Henrique experimentou uma situação inusitada e bastante semelhante às descritas pelo romancista Franz Kafka, enquanto aguardava resposta ao pedido de inscrição na Lei Rouanet de uma peça baseada em *O Processo*. Intrigado pela demora, telefonou para a Funarte e soube que havia um problema na documentação, já que faltava a assinatura de um dos integrantes da equipe: o próprio Franz Kafka. Depois de entregar uma declaração garantindo que o escritor não poderia assinar o pedido, por haver falecido 83 anos antes, José Henrique obteve a autorização para a captação do patrocínio. “Kafka achava divertidíssimas essas situações absurdas causadas pelo autoritarismo obtuso”, diz José Henrique, que ao adaptar o romance para a peça, em cartaz no Maison de France, privilegiou o humor: “A única forma de aturar os desvarios burocráticos é rir da ignorância que os provoca”, afirma o diretor.

Teatro na Justiça

Embora *O Processo* não seja uma comédia, a ironia surge em diversos trechos. “Normalmente, associamos Kafka à angústia, mas há diversos relatos de amigos contando quanto ele se divertia com as situações descritas em *O Processo*. Ele costumava ler trechos para os amigos e parar a leitura de tanto rir. Kafka

trabalhou em escritórios, acompanhou processos, via pessoas se desesperarem com a morosidade da Justiça. Qualquer um que precise driblar a burocracia vai se deparar com situações absurdas e revoltantes. É um tema político, filosófico, social e, principalmente, muito atual”, diz José Henrique, responsável pela adaptação do romance.

O espetáculo originou-se da leitura dramática da adaptação apresentada na Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, dentro do projeto Teatro na Justiça, que já apresentou diferentes peças literárias que tratam de Justiça e Direito, como *Testemunha de Acusação*, de Agatha Christie; *Doze Homens e uma Sentença*, de Reginald Rose; e *A Pane*, de Friedrich Dürrenmatt.

O que eu fiz?

Tuca Andrade, que participou da leitura na Escola de Magistratura, foi convidado a interpretar Josef K, o bancário que é detido no dia de seu aniversário de 30 anos e passa os próximos doze meses tentando descobrir em qual delito incorreu. “Meu último trabalho em teatro foi um musical sobre Orlando Silva. Meu conhecimento sobre Kafka se restringia à leitura, muitos anos atrás, de *A Metamorfose*, mas eu queria trabalhar um personagem mais denso, com uma vivência mais questionadora”, diz Tuca.

O homem e o imponderável

Influenciado por três culturas diferentes – a tcheca, a alemã e a judaica – Franz Kafka abandonou o manuscrito de *O Processo* durante uma depressão. Considerado um dos principais romancistas do século 20, morreu em 1924. No ano seguinte, *O Processo* foi publicado e alçado à condição de obra-prima, por tornar-se referência na literatura e em diversos campos do conhecimento, como Direito, Filosofia, Psicanálise e Ciências Sociais. Os três principais trabalhos de Kafka – *O Processo*, *A Metamorfose* e *O Castelo* – falam sobre a falta de respostas para questões do cotidiano. Seja Josef K, respondendo a um processo que ignora; Gregor Samsa, que em *Metamorfose* descobre, ao despertar, que se transformou em um imenso inseto; ou no agrimensor K, de *O Castelo*, que não consegue encontrar as pessoas que o contrataram, seus personagens têm grande carga simbólica, porém apóiam-se no homem comum, que sofre perseguições por suas indagações e diferenças. A temática da solidão está muito ligada à obra de Franz Kafka, que não se furtou a criar climas sombrios e sofridos em seus romances.



Zona de guerra



Peça de Eugene O'Neill mostra o temor pelo desconhecido e suas conseqüências em momentos de tensão

Existe uma boa guerra, a dominação sobre um provável agressor antes que ele possa se manifestar? A violência pode ser justificada? O terrorismo existe ou é fruto da imaginação paranóica? Responder a estas e outras indagações foi um dos motivos para a Cia Triptal debruçar-se sobre o universo

masculino e claustrofóbico do dramaturgo norte-americano Eugene O'Neill em *Zona de Guerra*, que faz curta temporada carioca na Caixa Cultural. A peça ganhou o Prêmio 2006 de melhor espetáculo da Associação Paulista de Críticos de Arte e é parte do projeto Homens ao Mar, composto por quatro

textos do início da carreira de O'Neill, em que o autor utiliza suas lembranças da época em que foi marinheiro.

Medo e violência

Zona de Guerra conta a história de Smitty, um rapaz que se emprega em um cargueiro da marinha mercante que contrabandearia munição dos Estados Unidos para a Inglaterra em plena Primeira Guerra Mundial. Smitty tem uma misteriosa caixa preta que a tripulação considera um indício para suspeitarem que ele seja um espião a serviço dos alemães. É neste ambiente que eclode a violência.

“O espetáculo traz uma questão contemporânea que estamos assistindo, com a invasão do Iraque pelos Estados Unidos, sob a alegação de que havia armas potencialmente perigosas, algo que jamais foi comprovado. Escrita em 1916, *Zona de Guerra* pode ser lida como um grito contra a violência a que estamos sujeitos em momentos de medo e contra a possível queda do estado de direito em nome da segurança coletiva. Após a queda do World Trade Center, e diante das frequentes ações de grupos do crime organizado nas grandes capitais, a atenção dos meios de comunicação ao terrorismo e à violência ganharam espaço, e assim questões como segurança, intolerância, desconfiança e privacidade impõem-se à reflexão”, diz André Garolli, diretor do espetáculo e autor da adaptação, que permaneceu um ano e meio em cartaz em São Paulo.

Na própria pele

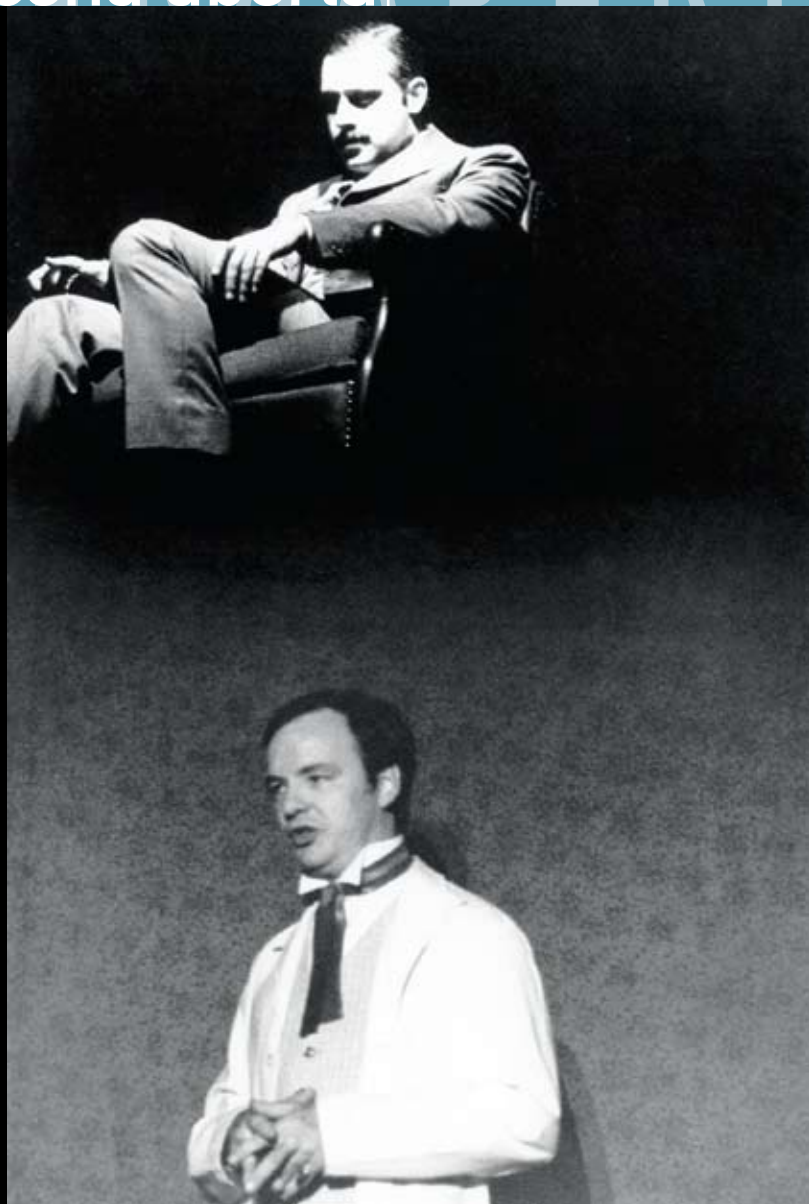
O isolamento e a falta de comunicação que geram incompreensão e agressividade

de foram experimentados pelo grupo em 2006, quando passaram um dia ensaiando, fechados em um porão, sem saber que São Paulo sofria ações contínuas de violência por determinação da facção criminosa PCC. “Quando estávamos para sair é que soube do pânico que tomava conta da cidade. Ficamos três horas à espera de notícias até termos tranquilidade e voltar para casa. Ao alcançarmos as ruas, percebemos que os boatos eram mais aterrorizantes do que a realidade. É exatamente isso que O'Neill discute em suas peças, quanto o temor cria situações que poderiam ser evitadas desde que fossem compreendidas, Confrontar-se com o universo do mar e sua potência simbólica, lidar com a energia masculina e com a tragédia moderna são outros pilares do projeto. Queremos trazer à tona o amadurecimento do artista através de seus textos menos conhecidos, sem todo o acabamento dramático”, diz André Garolli.

Homens ao mar

Com direção e adaptação de André Garolli e tradução de Fernando Paz, o projeto Homens ao Mar contempla a tradução e montagem de quatro textos escritos entre 1914 e 1917 por Eugene O'Neill (1888-1953). São eles: *Luar Sobre o Caribe*, *Cardiff*, *Zona de Guerra* e *Longa Viagem de Volta Pra Casa*. No elenco estão Roberto Leite, Guilherme Lopes, Bruno Feldman, Kalil Jabbour, Daniel Ribeiro, Wagner Menegare, Pepe Ramirez, Alexsandro Santos e Reinaldo Taunay.

CENA ABERTA



Antonio Fagundes e Ewerton de Castro em "O Homem Elefante", 1981